



MEMÓRIA E TRAUMA EM À SOMBRA DA FIGUEIRA, DE VADDEY RATNER

Maria Eduarda Mury Vilela da Costa (UERJ)¹
Shirley de Souza Gomes Carreira (UERJ)²

Resumo: Este artigo analisa o romance *À sombra da figueira*, de Vaddey Ratner, na perspectiva das relações entre memória e trauma. Na obra, a autora, nascida no Camboja e radicada nos Estados Unidos, traz para o âmbito da ficção o que vivenciou durante a guerra civil do Camboja e a implantação do regime do Khmer Vermelho, que, ao longo de quatro anos, implementou uma política que resultou em um genocídio. A história é narrada por uma criança que rememora a experiência traumática dos anos de trabalhos forçados, fome e risco de execução, até escapar como refugiada de guerra. Na condição de sobrevivente, ela é também testemunha do genocídio. O artigo visa a identificar as estratégias para a superação do trauma, entre elas, o caráter terapêutico da narração como testemunho, tendo como aporte teórico principal as perspectivas de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva e a memória individual e as de Cathy Caruth, Minoli Salgado, Dori Laub, Michael Pollak e Márcio Seligmann-Silva, entre outros, sobre a narrativa do trauma e a política da memória.

Palavras-chave: Memória; Trauma; Testemunho; Vaddey Ratner.

Abstract: This article analyzes the novel *In the Shadow of the Banyan*, by Vaddey Ratner, from the perspective of the relationship between memory and trauma. In the work, the author, born in Cambodia and based in the United States, brings to the scope of fiction what she experienced during the Cambodian civil war and the implementation of the Khmer Rouge regime, which, over the course of four years, implemented a policy which resulted in genocide. The story is narrated by a child who recalls the traumatic experience of years of forced labor, hunger and risk of execution, until escaping as a war refugee. As a survivor, she is also a witness to the genocide. The article aims to identify strategies for overcoming trauma, including the therapeutic character of narration as testimony, having as its main theoretical contribution the perspectives of Maurice Halbwachs on collective memory and individual memory and those of Cathy Caruth, Minoli Salgado, Dori Laub, Michael Pollak and Márcio Seligmann-Silva, among others, on the narrative of trauma and the politics of memory.

Keywords: Memory; Trauma; Testimony; Vaddey Ratner.

1. Introdução

As relações entre trauma e memória têm sido amplamente estudadas. O trauma psicológico é uma resposta emocional a uma experiência de exposição a situações adversas, geralmente violentas, causadoras de um estresse que excede a capacidade de enfrentamento. Essas situações podem advir de catástrofes, guerras, agressões, abusos sexuais ou mesmo de

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ.

² Doutora em Literatura Comparada (2000), Professora Associada da UERJ, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ, Procientista UERJ/FAPERJ e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.



acidentes, e o ato de recordar o evento gerador do trauma gera um sofrimento psíquico intenso. A memória desenvolve, assim, estratégias perante o trauma, que pode ser coletivo ou individual.

O trauma coletivo envolve a agressão física e psicológica, a ameaça – frequentemente concretizada – de morte, a exploração do trabalho forçado e a tortura, entre outras formas de opressão infringida a uma população. Obviamente, quem está exposto ao trauma coletivo também desenvolve o trauma individual, seja por ser também alvo dessa opressão, seja por testemunhá-lo.

Muitos dos que sofreram a opressão geradora do trauma, recorrem inconscientemente ao esquecimento, para solapar a dor; outros necessitam narrar o trauma, como um modo de enfrentamento, de “renascer das cinzas” (Seligmann-Silva, 2008, p. 66). Entretanto, essa tentativa de narrar cria uma situação ambígua, em que, simultaneamente à necessidade da representação, se percebe a insuficiência da linguagem para narrar a intensidade do vivido (Maldonado; Cardoso, 2009, Seligmann-Silva, 2008a, Agamben, 2008). Para conseguir levar a cabo o intento, quem narra recorre à imaginação, que adentra, assim, a narrativa testemunhal.

Foi nessa perspectiva que Vaddey Ratner escreveu seu primeiro romance *À sombra da figueira*, publicado em 2012, nos Estados Unidos, em que, pela via da ficção, rememora o que vivenciou durante a guerra civil do Camboja e o regime do Khmer Vermelho, que, ao longo de quatro anos, implementou uma política que resultou em um genocídio.

O pai de Ratner, Neak Ang Mechas Sisowath Ayuravann, era um príncipe cambojano, e, graças às raízes aristocráticas e ao acesso à educação, a família usufruía de privilégios que, mais tarde, fizeram com que se tornasse alvo dos revolucionários.

O sofrimento pelo qual a autora passou desde os cinco anos de idade, quando sua família foi expulsa de casa, e nos anos seguintes, sob a violência do regime e o jugo do trabalho forçado nos campos de arroz, fez com que ela, aos onze anos, parasse de falar³. Foi com dificuldade que, posteriormente, na condição de refugiada, conseguiu superar o mutismo. Dentre os membros da sua família, apenas ela e a mãe sobreviveram. Ratner e sua mãe chegaram aos Estados Unidos em 1981 e foram alocadas em no alojamento para refugiados Torre de San Miguel, em Saint Paul, Minnesota.

³ Em uma de suas entrevistas ela afirmou: “I chose muteness because I couldn’t articulate what I was witnessing.”. Ou seja, “Eu escolhi o mutismo porque não conseguia articular o que eu estava testemunhando”. cf. https://www.washingtonpost.com/entertainment/books/out-of-the-shadow-in-novel-vaddey-ratner-speaks-out-on-life-under-khmer-rouge-rule/2012/09/02/040e64da-f2ec-11e1-adc6-87dfa8eff430_story.html



Em algumas das entrevistas que concedeu à época do lançamento do romance, Ratner afirmou que a sua opção pela narrativa romanesca se deu pela impossibilidade de recuperar detalhes, devido à sua pouca idade na época dos acontecimentos narrados. O romance é, portanto, uma obra com fortes traços autobiográficos, porém, também construído com a licença que a ficção concede, haja vista que, por exemplo, Raami, a protagonista, tem sete anos por ocasião da revolução e o pai dela é apresentado como um poeta, enquanto que o pai de Ratner era um piloto.

A memória individual, conforme demonstrou Maurice Halbwachs (1990), ancora-se em dados que pertencem a uma memória coletiva. Na análise que propomos do romance de Vaddey, buscamos demonstrar o entrelaçamento dessas memórias com o trauma, bem como o modo como o trauma coletivo repercute na forma de um trauma individual.

2. Contexto histórico do romance

Depois de noventa anos como protetorado francês, o Camboja conquistou a sua independência em 1954 e foi governado pelo príncipe Norodom Sihanouk até o golpe de estado promovido primeiro-ministro General Lon Nol e o príncipe Sisowath Sirik Matak, em 1970.

A política do Camboja foi seriamente afetada pela guerra do Vietnã. De 1970 até ao início de 1972, o conflito cambojano foi, em grande parte, entre o governo e o exército do Camboja e as forças armadas do Vietnã do Norte, que buscavam com isso controlar uma rota de abastecimento. Apesar de o novo regime político ter recuperado o controle do território cambojano, as sucessivas lutas, a escassez de alimentos e os bombardeios promovidos pelos Estados Unidos, que apoiavam o Vietnã do Sul, possibilitaram ao Khmer Vermelho, o partido comunista do Camboja, mobilizar um grande número de pessoas em sua causa, tomando o poder em 1975 e proclamando a criação do Kampuchea Democrático. Com Pol Pot como Chefe de Estado, iniciou-se uma ditadura que teve efeitos catastróficos (Chandler, 2008).

Sob o pretexto de realizar uma reforma agrária que viria a enriquecer o país, ele ordenou o esvaziamento das cidades e a migração forçada da população para fazendas coletivas, onde todos eram obrigados a trabalhar em um regime escravo. Além disso, aboliu as práticas religiosas e promoveu uma intensa perseguição contra minorias étnicas e contra pessoas que tivessem qualquer vínculo com vietnamitas ou ocidentais.

Os intelectuais e os que tinham formação superior foram separados de seus familiares e executados. O uso de óculos passou a ser um indício de letramento, levando muitos à morte



(Power, 2004, p. 159). Os episódios de violência eram comuns, bem como o extermínio daqueles que fossem considerados inúteis para o regime, como crianças, deficientes e idosos. Nesse contexto, as relações familiares eram vistas como prejudiciais ao sistema, razão pela qual os membros das famílias eram separados.

Submetida a um extremo controle, a rotina da população consistia em trabalhos físicos extenuantes, alimentação precária, doutrinação constante e poucas horas de sono. Quando a ditadura de Pol Pot chegou ao fim, em janeiro de 1979, com a invasão de tropas vietnamitas, mais de 1.500.000 pessoas haviam morrido de exaustão e desnutrição.

Baseado parcialmente na história real da autora, podendo, portanto, ser considerado como autoficção, o romance de Vaddey Ratner traz ao conhecimento do grande público as atrocidades cometidas pelo Khmer Vermelho.

3. *À Sombra da Figueira*: a narrativa do trauma

The survivors did not only need to survive so that they could tell their stories; they also needed to tell their stories in order to survive.⁴

Dori Laub

Ao longo de trinta capítulos, a protagonista de *À sombra da figueira*, Raami, narra a trajetória de sua família desde a tomada do poder pelo Khmer Vermelho até a sua fuga, durante a invasão vietnamita. A sua ótica é a de quem vivenciou o conflito, portanto, se coaduna com o relato de uma testemunha *superstes*, conforme a definição dada por Émile Bienveniste, para quem o que qualifica a testemunha, “não é somente ‘ter sobrevivido a uma desgraça, à morte’, mas também ‘ter passado por um acontecimento qualquer e subsistir muito mais além desse acontecimento’; de ter sido, portanto, ‘testemunha’ de tal fato” (1995, p. 277).

O testemunho *superstes* é uma das tipologias propostas por Bienveniste, que também identifica o testemunho *testis*, que consiste no relato de um terceiro, uma testemunha ocular.

Augusto Sarmiento-Pantoja (2019, p. 11-12) argumenta que

[...] o narrador superste oscila entre a necessidade de narrar e sua impossibilidade, mas quando consegue narrar, por meio da perlaboração da experiência traumática faz com que esta necessidade se torne o fundamento de sua sobrevivência, pois a relação entre o que ele vivenciou e o

⁴ O texto em português é: “Os sobreviventes não apenas precisavam sobreviver para contar suas histórias, eles precisavam conta-las para sobreviver” (Tradução nossa).



que precisa narrar parece ser um tanto biológica e revela a manutenção da natureza viva, diante das diversas experiências de morte.

No romance, Raami não apenas narra a experiência traumática, mas, também, a resiliência e a pulsão de vida que possibilitaram a sua sobrevivência ao genocídio. O *incipit* do romance assim diz: “A Guerra entrou no mundo de minha infância não com as explosões de bombas e foguetes, mas com os passos de meu pai caminhando pelo corredor, passando pelo meu quarto em direção ao dele (Ratner, 2015, p.7). Preservada pelos familiares do contato com a violência do mundo exterior; tudo o que Raami sabia resultava de conversas entre seus familiares, e o comentário do seu pai sobre as ruas cheias pessoas de pessoas famintas e desesperadas soou distante da sua realidade.

O início da Guerra do Camboja ocorreu durante as comemorações do ano novo, em que as famílias cambojanas homenageavam os *tevodas*⁵, e, apesar de seu pai ser contrário à realização da festividade naquele ano, devido aos combates no campo, a família de Raami estava voltada aos preparativos.

Ao final daquela semana, os sinais da guerra fizeram-se notar: os bombardeios se intensificaram e Om Bao, a cozinheira da família, que havia saído para finalizar as compras para o evento, desapareceu. O pensamento de Raami ante o acontecimento parece ser um vaticínio, preconizando o desaparecimento do seu próprio pai, que ocorreria em breve: “A ausência é pior que a morte. Quando se desaparece subitamente sem deixar rastros, é como se nunca se houvesse vivido” (Ratner, 2015, p. 32).

No terceiro capítulo, o pai de Raami, um príncipe menor da linhagem real de Sisowath, anuncia à família o fim da guerra com o mesmo entusiasmo com que o povo recebeu os revolucionários. Logo, os soldados do Khmer Vermelho— extremamente jovens e oriundos do campo— assomaram à porta da casa, exigindo que todos partissem imediatamente:

Tivemos de agir rápido. Se o soldado revolucionário voltasse, ia atirar em nós. Não sabíamos quando isso poderia acontecer, se voltaria em uma hora ou em um dia, ou se tudo havia sido um blefe [...] — Vamos pegar dinheiro e ouro — disse papai objetivamente. — Qualquer outra coisa podemos comprar nas ruas. Abriu a velha cômoda de mamãe e despejou suas joias das caixas — colares, brincos, anéis e um amontoado de outros itens valiosos. Pegou a almofada de rolo de Radana, que começou a ganir de novo, e cortou a costura com um canivete. Colocou todas as joias dentro dela, entre o recheio de algodão, e saiu correndo. Correu pela casa pegando livros, quadros, caixas de fósforos, qualquer coisa em que pudesse pensar, qualquer coisa que

⁵ *Tevodas* eram espíritos.



encontrasse. Lá fora, jogou tudo no porta-malas de nossa BMW azul (Ratner, 2019, p. 44).

A dimensão do desespero da população em fuga reflete-se na confusão nas ruas, exemplificada na passagem a seguir:

Os soldados revolucionários estavam por todo lado, vestidos de preto da cabeça aos pés, como aquele que havia irrompido através do nosso portão, agitando as armas, ordenando a todos que partissem. Famílias saíam às ruas arrastando malas abarrotadas com seus pertences, cestos de bebê recheados de pratos e panelas, bancos de madeira e penicos. Uma mulher equilibrava duas cestas em uma vara de bambu sobre os ombros, uma criança em uma e um fogão na outra, com um pote de arroz precariamente em cima. Um velho mendigo cego arrastava os pés descalços pela rua, uma bengala em uma mão e uma tigela de esmolas na outra. Ele tateava o caminho através da multidão de corpos. Ninguém parou para lhe dar uns trocados. Ninguém parecia ter pena dele. Ninguém sequer o notava (Ratner, 2019, p.47).

O excerto acima mostra, por meio da condição do cego, que a empatia deixa de existir em situações extremas.

Do carro da família, Raami assiste à primeira dentre as muitas execuções que presenciará: uma mulher-soldado atira friamente contra um velho que buscava se aproximar dos degraus de um monumento. O trecho seguinte descreve a cena:

Meus olhos seguiram o movimento de uma mulher soldado do Khmer Vermelho enquanto se dirigia a nosso carro. Ela parou a poucos metros de distância para falar com um velho magro que me recordou Old Boy. O velho juntou as palmas das mãos, implorando, como uma flor de lótus balançando na frente do rosto dela. Parecia que queria subir os degraus do Monumento da Independência, talvez para descansar, encontrar alguém, pegar seus pertences; eu só podia especular. A garota balançou a cabeça e apontou na direção que queria que ele fosse. Ele persistiu, forçando passagem contra o fluxo. A garota deslizou a mão sob a camisa, puxou uma pistola e apontou. Um tiro ecoou no ar. Mais três tiros, um depois do outro. As pessoas gritavam, empurradas umas contra as outras, tentando fugir, mas não conseguiam.[...] O velho caiu no chão. Uma poça escura floresceu em volta de sua cabeça. Um halo de sangue (Ratner, 2019, p. 52-53).

A imagem desse assassinato acompanhará Raami por um longo tempo, marcando profundamente a sua memória da infância. Diante da impossibilidade de rememorar minúcias do vivido, a mente humana capta *flashes* das experiências. Ao longo da narrativa, a protagonista se reporta várias vezes a esse incidente, que parece se atualizar a cada execução que ela presencia.

O pai de Raami havia combinado com o irmão um encontro para que toda a família pudesse se refugiar na casa de campo, em Mango Corner. Todavia, logo são expulsos e, como



os demais habitantes das cidades, obrigados a deixar seus bens e a seguir para onde os soldados indicavam:

Papai, com esteiras de palha enroladas presas às costas e dois pesados sacos nos ombros, segurou-me e me apertou junto de si. Mamãe, com suas próprias trouxas e sacos, carregava Radana. Tia India e Tata, além do que já carregavam, levavam um gêmeo cada uma, enquanto Big Uncle, maior e mais forte, carregava a Rainha Avó nas costas e uma carga no peito (Ratner, 2019, p. 76)

A protagonista registra cada perda, cada objeto deixado para trás, inclusive a cinta de metal, que presa às suas botas, lhe dava condições de caminhar melhor. O soldado não se comove ao saber que ela teve poliomielite:

Na porta, o soldado armado nos parou com a ponta de sua arma roçando o braço de papai, impedindo-nos de entrar.
— O que é isso? — Perguntou, olhando para a cinta de metal em minha perna direita.
— Minha filha precisa de suporte — disse papai a ele.
— Ela é aleijada?
Indignada, falei sem pensar: — Não! Os olhos do soldado cintilaram para mim. Abaixei o rosto.
— Ela teve poliomielite — explicou papai.
O soldado olhou para ele.
— Jogue isso na água [...]
— A organização vai curá-la! (Ratner, 2019, p. 80)

O discurso político do Khmer Vermelho, com ênfase na existência de uma organização, é repetido exaustivamente de modo a incutir na população uma relação de dependência psicológica.

Em Prey Veng, a família encontra abrigo em uma sala de aula de uma escola abandonada. Nesse local, a protagonista tem longas conversas com o pai, que é poeta, e ele busca incutir na filha uma semente de esperança que há de acompanhá-la vida afora, concorrendo para a sua sobrevivência:

— Talvez seja natural para um pai, para todos os pais, ver em seu filho tudo o que é bom e intocado. Mas se puder, Raami, quero que veja isso em si mesma. Não importa quanta feiura e destruição testemunhe a seu redor, quero que sempre acredite que o menor vislumbre de beleza aqui e ali é um reflexo da morada dos deuses. Isso é real, Raami. Existe esse lugar, esse espaço sagrado. Você só precisa imaginar (Ratner, 2019, p. 101).

À medida que os dias se passam, aumenta a tensão da família ante o receio de represálias contra as pessoas ligadas à República e à monarquia até o momento em que,



efetivamente, se veem nas mãos dos soldados do Khmer Vermelho: um grupo de adolescentes cooptados por meio de uma promessa utópica que jamais veio a se cumprir. Os recém-chegados vão narrando o modo como os habitantes são coagidos pelos soldados:

— Em poucas semanas fizeram o que disseram que fariam: levaram-nos de volta para o nada. É evidente que não é só Phnom Penh, mas todo o país está sendo reorganizado. Parece que quem vivia em cidades e províncias está sendo expulso também, sob regras mais estritas e mais duras. As pessoas não podem escolher que caminho seguir; se são direcionadas para o sul, vão para o sul, mesmo que sua cidade natal seja para o norte. Em incontáveis casos vimos membros da mesma família serem separados, alguns empurrados em uma direção e outros em outra. É um esquema elaborado de evacuação, que está só começando [...] Eles nos mantêm amedrontados e indefesos, destroem nosso sentido mais básico, separando-nos da família e evitando que formemos qualquer vínculo (Ratner, 2019, p. 129).

Em sua inocência, Raami responde a um soldado que, desconfiado, pergunta de quem ela é filha. Ao informar não apenas o nome, mas também o título de nobreza do pai, sem querer, ela assina a sua sentença de morte, pois logo ele é preso e dado como desaparecido. É a posterior repreensão de alguns membros da família que dá à menina a medida do seu erro. No momento em que a filha revela a sua identidade, o pai de Raami antevê o seu destino. A certeza do que o espera leva-o a explicar a ela a sua futura ausência:

— Eu lhe contava histórias para lhe dar asas, Raami, assim você nunca seria presa por nada; nem seu nome, seu título, os limites de seu corpo, o sofrimento deste mundo.[...]

— Meu maior desejo, Raami, é vê-la viver. Se eu tiver de sofrer para que você possa viver, terei prazer em dar minha vida por você [...] Perdoe-me por não estar aqui para ver você crescer. (Ratner, 2019, p. 186-187)

A experiência traumática mais forte da personagem é, portanto, o sentimento de culpa gerado pelo desaparecimento do pai. Entretanto, como as histórias de vida da autora e da personagem se entrelaçam, a escrita e a publicação do romance confirmam o que Minoli Salgado (2021) argumenta no artigo “Shattered Selves and Border Witnessing: Globalising Trauma Studies in Cambodian Survivor Narratives”: o ato de narrar tem um poder terapêutico de regeneração da memória e de restauração da linguagem para reconstituir e dar coerência ao eu traumatizado.

O pai ausente será a mola propulsora da resistência da protagonista: “Segui em frente, angustiada contra o inexplicável, o incompreensível, segurando meu pai da única



maneira que pude — acreditando que seu espírito havia se elevado ao céu, e nele residia, etéreo e fugaz como o luar. Eterno, livre, por fim (Ratner, 2019, p. 196).

Na trama, o relato da perseguição do Khmer Vermelho contra todos os que julgavam perigosos para o sistema tem especial relevância, visto que os registros históricos demonstram que essa foi uma das estratégias de dominação adotadas pelos revolucionários:

No início, o inimigo eram os intelectuais, diplomatas, médicos, pilotos e engenheiros, policiais e oficiais militares, aqueles com patentes e reputação. A seguir, o inimigo era os funcionários de escritórios, técnicos, funcionários de palácio, taxistas, pessoas com *mok robar civilai* — “profissões modernas” —, o que incluía quase todos no templo, visto que a maioria de nós era da cidade. Aqueles que não mentiram e assumiram uma nova identidade foram chamados e trazidos à tona, como coelhos forçados a abandonar suas tocas (Ratner, 2019, p. 197).

É com o olhar da testemunha e com uma capacidade reflexiva incomum para os seus sete anos de idade que Raami observa a ação dos soldados e o modo como a Organização se impõe à população. Como Ratner ratifica em suas entrevistas, a ficção preenche as lacunas da memória.

Quando, juntamente com a mãe e a irmã, Radana, a protagonista é separada do restante da família, as três são levadas para uma plantação de palmeiras, em Stung Khae, onde todos são obrigados a trabalhar até a exaustão. A deficiência física de Raami não é impedimento para o trabalho forçado. A dureza da rotina nos campos faz com que Aana, a mãe da protagonista, ensine à filha a necessidade de silenciar sobre o passado e lutar por mais um dia de sobrevivência. A fome é um dos principais alcoses dos trabalhadores, contrastando com a fartura de grãos acumulada pelos revolucionários.

A morte de Radana, devido à malária, desperta novamente em Raami o sentimento de culpa. Desta vez, por não ter protegido a irmã das picadas dos mosquitos, conforme a mãe recomendara. Privadas de realizar um funeral, porque, segundo a Organização, “cerimônia é um costume feudal dos ricos” e “a oração é um falso conforto” (Ratner, 2019, p. 290), Raami e Aana são obrigadas a entregar o corpo da menina à Comissão Fúnebre, que leva o caixão para enterrar em algum lugar entre os campos de arroz, pois, “um corpo não devia ser desperdiçado. Radana fertilizaria o solo. Serviria à Revolução melhor do que quando era viva. Devíamos estar orgulhosos” (Ratner, 2019, p. 289).

Ao serem removidas para um outro campo de trabalho, reencontram o tio e descobrem que, com exceção da avó, todos os outros membros da família morreram. Essa sucessão de



perdas tem um efeito devastador sobre os corpos fragilizados de mãe e filha. Quando, finalmente, o tio relata o que houve com os demais, Raami fica chocada com a forma como a família foi dizimada:

— Os soldados chegaram certa noite em nossa cabana. Disseram que eu tinha de ir com eles. Perguntei por quê. Ficaram irritados. Disseram que eu era membro da CIA. Esses meninos eram jovens e analfabetos [...] Um cambojano puro não podia ser tão grande, tão alto. Eu devia ser filho de uma prostituta americana. Queriam que eu confessasse. Quem era meu pai, e meu avô? Quais os nomes deles? Quando não lhes disse, pegaram estacas de bambu e retalharam meu escalpo [...] Então eu disse que tinha sangue estrangeiro, que trabalhava para a CIA, qualquer coisa que quisessem ouvir, as mentiras mais improváveis e ridículas [...] Quando acharam que haviam me dobrado, levaram-me de volta para a aldeia. Encontrei os outros. Pendurados no teto. Seus corpos estavam inchados, pretos de moscas. Tata havia dito tudo a eles, disseram. Nosso nome. Que éramos príncipes e princesas. Um grupo me interrogou, os outros assassinaram minha família. Nunca houve qualquer comunicação entre eles. Era tudo um jogo. Só mamãe foi poupada, velha demais para que desperdiçassem seu esforço. Durante dias ela viveu com os corpos, e você pode imaginar por que só vê fantasmas, fala só com eles [...] mesmo pronto para morrer, esperava que vocês estivessem vivas, de algum jeito, em algum lugar. Então a esperança, esse fino filamento de possibilidade de que em algum lugar vocês estivessem lutando para viver, tomou conta de mim (Ratner, 2019, p. 335-336)

Em *Trauma and Explorations*, Cathy Caruth (1995, p. 153) afirma que, para o sobrevivente, a verdade de um evento reside não apenas nos fatos brutais, mas também no modo como sua ocorrência desafia a compreensão. É desse modo que Raami registra o relato da execução de mulheres e crianças da família devido ao *status* de seu nascimento.

Sob o controle dos revolucionários, a situação dos trabalhadores no campo se torna mais difícil. O racionamento de comida torna-se mais intenso e os poucos pertences que os cidadãos possuem são confiscados. A fome leva a protagonista a buscar meios de sobrevivência além da parca quantidade de ração que recebe diariamente, como mostra a passagem a seguir:

As frutas encontradas no solo deviam ser coletadas e deixadas junto com as dos nossos vizinhos, em uma cesta, e a seguir levadas para o refeitório comunitário. Se eu fosse pega comendo qualquer fruta ou desviando algo da coleta, uma ou ambas as refeições de meu dia seriam retiradas. Mas a fome me fez menos medrosa, menos pensativa sobre as consequências, e roubar se tornou um hábito. Eu podia visitar a horta dos fundos da casa de um vizinho, arrancar um melão, colocá-lo dentro da camisa, correr para o quarto e alimentar a Rainha Avó, uma mordida cada vez, amolecendo-o primeiro com meus próprios dentes como havia visto mamãe fazer (Ratner, 2019, p. 355).



A serviço da Organização, Raami divide-se entre os afazeres que lhe atribuem e os cuidados com a avó, cujo corpo se deteriora a cada dia, prenunciando mais uma morte:

O trabalho da Revolução nunca acabava [...] mesmo que meu corpo fosse só pele e osso, disseram que estava grande o suficiente para trabalhar ao lado dos adultos [...] Ela virou a Rainha Avó de lado para me mostrar as enormes pústulas nas costas e nádegas. Prendi a respiração, tentando evitar que o miasma de carne podre entrasse em minhas narinas. Ela não tinha necessidade de me mostrar. Eu sabia dessa decomposição, vivia com ela todos os dias, dormia ao lado dela todas as noites, estava acostumada. Agora eu sabia o que era; o cheiro da morte. Não da morte em si, mas de sua encenação; do corpo da Rainha Avó desistindo enquanto sua mente lutava para se manter viva (Ratner, 2019, p. 364-365).

Com a morte da avó, Raami é enviada ao encontro da mãe em outro campo de trabalho, “um lugar remoto e árido no meio do nada” (Ratner, 2019, p. 366). Ao ver pessoas quebrando a terra com enxadas e pás, ela pergunta ao tio o que estão fazendo. Ele responde que estão enterrando uma civilização. De fato, a ação do Khmer Vermelho no país correspondeu a uma espécie de apagamento cultural, haja vista que a perseguição aos intelectuais e às manifestações religiosas acarretou também a destruição de artefatos culturais. Durante a breve e fortuita conversa, tio e sobrinha se recordam de uma profecia que dizia que “a escuridão se abateria sobre o Camboja, o país seria governado por pessoas sem moral ou educação, e o rio de sangue seria tão alto que chegaria ao ventre de um elefante. No final, apenas os surdos, os estúpidos e mudos sobreviveriam” (Ratner, 2019, p. 373), e poucos restariam para descansar à sombra de uma figueira.

As condições no campo são terríveis e, muitas vezes, Aana se desvia da sua rota de trabalho para entregar discretamente à filha um inseto aquático para que se alimente, pois, a proximidade familiar é proibida. Exceto pelo chamado da natureza, os trabalhadores não se movem na hora do descanso. Durante as horas de trabalho, são atormentados pelas vozes dos soldados, que afirmam estar construindo um campo de arroz que tornará o Camboja rico. À noite, exaustos, têm de se contentar com um mínimo de ração, como mostra a passagem a seguir:

Eu queria que o dia acabasse; mas a noite não era melhor. Veio com meia tigela de sopa aguada de arroz. Bebi de um gole e lambi a tigela vazia. Mamãe empurrou-a e me deu a dela. Olhei para a vasilha, querendo-a, não querendo querê-la com vergonha de minha ganância, ainda sem saber como me livrar da fome. Ela acenou para que eu bebesse (Ratner, 2019, p.384).



Trabalhando dia e noite, Raami testemunha a morte de muitos trabalhadores, que, exaustos, caem na cratera que estavam escavando e são deixados lá para morrer. A morte de quatro crianças em um desmoronamento faz com que Big Uncle, o tio de Raami, se recorde do dia em que enterrou esposa, filhos e irmã, e, poucos dias depois, ele se suicida. Os trabalhos forçados sequer permitem que a protagonista e sua mãe vivenciem o luto.

O romance dá a dimensão do efeito da revolução na vida das crianças: “Não havia tempo para lamentar. Não havia tempo para olhar para trás[...] nossos pais, disseram-nos, não podiam perder tempo cuidando de nós. Não éramos mais crianças (Ratner, 2019, p. 395). O trauma coletivo e o individual se entrelaçam e se expandem quando a personagem começa a se sentir culpada por estar viva quando tantos morreram:

Manter você não é vantagem, matá-la não é perda. Sob as regras da Organização, fomos reduzidos a esse ditado. Como eu poderia viver por essas palavras? Com tantos levados embora por pretensões menores, como poderia qualquer criança acreditar que viveria além desse dia, desse momento? Como poderia esperar o amanhã? Em um mundo de morte sem sentido, eu não via o sentido, não podia compreender o significado. Se esse era nosso carma coletivo, por que eu ainda estava viva? Eu era tão culpada quanto os que sobreviveram, e tão inocente quanto os que morreram. Que nome podia dar a essa força que me levava em frente? De cada vida ceifada, uma parte passava para mim. Eu não sabia o nome disso. Depois daquele dia nos campos de arroz, já não tinha mais medo de armas, porque já não tinha medo da morte. Quando comia, só conseguia pensar em comer. Ao dormir, não pensava em mais nada. A fome deixara meu corpo frágil. Muitas vezes fui punida por ser muito lenta. Sem arroz, eu vivia das folhas e pequenos animais encontrados na lama. Os pequenos eu engolia de uma vez [...] Era inútil me preocupar, pensar no amanhã. A vida que eu conhecera se fora, e com ela, as pessoas. *Não havia nada a dizer, mais ninguém com quem falar, então, escolhi me calar* (Ratner, 2019, p. 399-400, grifo nosso).

O mutismo foi o meio encontrado por Raami— e pela autora— para evadir-se do mundo ao redor, quando, com icterícia e sem o apoio familiar, lutava desesperadamente para se manter viva.

As vítimas de eventos traumáticos, muitas vezes, se abrigam no silêncio. E não apenas no momento em que os vivenciam, mas, também, depois, quando se encontram seguras. Isso ocorre devido à sensação de que sua possível fala não teria escuta. As lembranças dos sobreviventes se tornam memórias subterrâneas e eclodem quando alguns deles, finalmente, se dispõem a narrar as suas versões dos acontecimentos, como Ratner o fez.

Em “Truth and Testimony: The Process and the Struggle”, Dori Laub, que é uma sobrevivente do Holocausto, argumenta que a memória do trauma na criança é complexa e que,

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 nº 01 (2025): e13588

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.13588>



surpreendentemente, ela é capaz de lembrar de detalhes muito além do que se pode supor. Raami se recorda do dia em que, estando na sua função de espantalho para dispersar os corvos, ouviu o massacre de pessoas amigas:

O som da escavação ecoava e vibrava. Agachei-me com cuidado para não fazer barulho. Esperei. Não sabia por quê. Por que esperei? Já não havia ouvido o suficiente, visto o suficiente? A morte aprofundara meu apetite por mais? Entorpecera meus sentidos para a violência, o assassinato de um amigo? Foi o choque, a paralisia que me manteve ali? Eu não saberia explicar, mas me lembrei de todas as vezes que a morte havia passado por mim e eu fechara os olhos ou me voltara. Não podia mais fazer isso. Não podia deixar que aqueles que eu amava encarassem a morte sozinhos. A partir de agora, disse a mim mesma, eu ficaria, ficaria por eles, e quando seus espíritos deixassem os corpos, eles veriam que eu ficara ali o tempo todo ouvindo suas últimas palavras, seu último suspiro, e saberiam que eu havia testemunhado não só sua morte, mas, mais importante, sua luta pela vida, sua vontade de viver. (Ratner, 2019, p. 405).

O testemunho é uma experiência dolorosa e Ratner a traduz intensamente nessa passagem do romance. Há, na cena, um transbordamento de emoções que, indubitavelmente, ultrapassa as fronteiras da ficção, visto que resulta das experiências da autora em sua infância.

Ao fim do romance, quando o campo é abandonado pelos revolucionários devido à aproximação dos soldados vietnamitas, os trabalhadores cambojanos saem em busca de alimento, e o leitor não tem como ler a passagem a seguir sem construir em sua mente a imagem daquela criança assolada pela fome:

Enchi meus bolsos do arroz que encontrei debaixo de uma cesta virada; coloquei um punhado de grãos na boca e engoli com o caldo de um barril de picles que havia ali. Um pouco depois, vomitei tudo. Mamãe encontrou uma banana verde e me mandou comê-la lentamente para acalmar meu estômago. Mas mesmo isso parecia muita comida. (Ratner, 2019, p. 408)

O leitor assume, assim, o papel da testemunha que não é ocular, mas que acompanha com empatia a narração insuportável do outro (Gagnebin, 2006).

A invasão do Camboja pelos vietnamitas foi a salvação dos que sobreviveram aos trabalhos forçados. Nesse dia, finalmente, Aana mostra à Raami as últimas palavras que seu pai havia registrado em seu diário antes que o levassem: palavras de esperança. A mesma esperança que permitiu a sobrevivência da protagonista e de sua mãe:

A esperança nos levou através de campos queimados, pontes bombardeadas, colinas de ninhos despedaçados de pardal e florestas de cicatrizes de borracha. Levou-nos, mesmo com a morte nos perseguindo. Cadáveres se espalhavam



pelas estradas e campos de arroz. Os mortos por minas eram fáceis de reconhecer — um membro aqui e outro ali, a carne espalhada pelo chão. Os assassinados, que tinham o corpo inteiro, exceto por um ferimento a faca no pescoço ou um buraco de bala na cabeça, evitamos olhar, porque seus olhos abertos pareciam nos seguir, aderir a nosso rosto, retardar nossos passos. Rodamos por uma aldeia povoada por fantasmas (Ratner, 2019, p. 412).

Como o romance retrata, a Tailândia foi a rota de fuga para os cambojanos, que, de lá, foram enviados aos campos de refugiados que permitiam o reassentamento nos Estados Unidos, França, Canada e Austrália. Após dias de caminhada, o grupo de sobreviventes é resgatado por um helicóptero da ONU, e Raami lança um último olhar à terra em que nasceu, levando consigo os ensinamentos do pai, além de “os espíritos e vozes, as narrativas de um país que se transforma em sombra” (Ratner, 2019, 424).

Em “Memória, esquecimento, silêncio”, Michael Pollak argumenta que a incapacidade de narrar uma experiência traumática muitas vezes resulta de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar e transmitir: “Na ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si próprio - diferente do esquecimento - pode mesmo ser uma condição necessária” (Pollak, 1989, p.14). Entretanto, Ratner optou pela “fala” ao transformar suas memórias em um romance e afirma:

Ao escrever, escolhi a ficção, reinventando e imaginando onde a memória por si só foi insuficiente. As grandes pinceladas desta narrativa traçam a jornada de minha família inserida no contexto de eventos históricos reais. Eu me permiti licença literária para comprimir o tempo e os incidentes, mudar lugares e personagens para simplificar e dar distinção a cada um, e alterar os nomes e as origens dos indivíduos de minha família, bem como daqueles que conhecemos durante nossa jornada. O único nome que mantive foi o de meu pai. Embora ele fosse piloto de formação, foi a “poesia de voo” — lembro que ele me disse isso muitas vezes, quando eu era criança — que o levou ao céu. Assim, o pai de Raami não só tem os vários nomes e títulos que meu próprio pai tinha — entre os quais estava o apelido carinhoso Mechah Klah, ou “Príncipe Tigre”, mas também incorpora as esperanças e os ideais dele, seu desejo ardente por minha sobrevivência. (Ratner, 2019, p. 427).

Tomando por parâmetro a distinção que Pierre Janet (*apud* Van der Kolk; Van der Hart, 1995), um dos pioneiros nos estudos do estresse traumático, estabeleceu entre a memória traumática⁶ e a memória narrada, é possível afirmar que a transformação da primeira na segunda é o que permite a superação do trauma. Conforme Antelme (*apud*, Seligmann-Silva, 2008b, p. 70), nesse processo de enfrentamento, a imaginação é convocada a auxiliar o simbólico.

⁶ Para Pierre Janet, a memória traumática é solitária e evocada por situações reminiscências do evento que a gerou. A memória narrativa ordinária, por sua vez, é organizada e constitui um ato social.



Em seu site, ao mencionar os familiares e amigos que morreram, a autora afirma: “Eu não queria que fossem esquecidos, e embora, como Elie Wiesel disse, ninguém possa, de fato, falar pelos mortos, eu gostaria ainda de invocar novamente as palavras e os pensamentos que eles compartilharam comigo”.⁷

4. À guisa de conclusão

Ao focalizar as relações entre memória e trauma, o artigo busca não apenas identificar as estratégias adotadas pela personagem para sua sobrevivência e também enfatizar o efeito terapêutico da narração para aqueles que vivenciaram experiências traumáticas.

A ação do Khmer Vermelho no Camboja não causou apenas a morte de milhares de pessoas, mas promoveu uma tentativa de apagamento da memória coletiva, dos traços culturais, do sentido da identidade de um povo. O trauma gerado pelos revolucionários foi, portanto, individual e coletivo. O testemunho de Ratner se concretizou quando ela perlaborou o seu trauma. O seu “dever de não esquecer” fez com que as lembranças, ainda que fragmentadas, se erguessem dos escombros e fossem reelaboradas pela ficção para que a autora pudesse descrever, mesmo que insuficientemente, a catástrofe compartilhada com os que se foram e com outros sobreviventes que optaram pelo silêncio. O fato de se dar pela via da narrativa romanesca não invalida o caráter testemunhal do texto, nem a ipseidade⁸ do relato, sobretudo, porque a autora não esconde dos leitores a sua pretensão ao escrever o romance. Seu texto é construído em conformidade com uma poética das ruínas, a partir dos destroços, dos escombros de um acontecimento histórico de qual fez parte.

Se, por um lado, o testemunho não deve ser compreendido como uma descrição realista de um evento traumático, seja pelas limitações da memória, seja pela indizibilidade do acontecimento, por outro, há que considerar também que a narração se revela como uma estrutura de transição na articulação entre o real e sua representação, visto que carrega a potência do que não é narrável.

Outras vozes⁹ se uniram à de Ratner na tentativa de produzir relatos que resultassem de um processo de “narrar de dentro” o que se sucedeu à guerra civil do Camboja, ou seja, que

⁷ O texto em inglês é: “I didn’t want them to be forgotten, and while, as Elie Wiesel has said, one cannot truly speak for the dead, I wished still to re-invoke the words and thoughts they’d shared with me”.

⁸ Compreendida aqui nos termos do que Paul Ricoeur (2007, p. 306) propõe, ou seja, a singularidade absoluta e a capacidade de manter o testemunho no tempo.

⁹ Loung Ung, Mae Buseng Tang, Julie Lee, Jennifer Lau e Haing Ngor, dentre outros autores de *memoirs* e romances autobiográficos.



expressassem a ótica e a experiência do sobrevivente. Como não existe testemunho sem escuta, ao escrever seu romance, Ratner dividiu com o leitor as suas lembranças, fazendo dele um outro tipo de testemunha, aquela que “ouve” a narração insuportável do outro.

À sombra da figueira é, indubitavelmente, um relato de experiências traumáticas, mas, principalmente, é uma lápide de afeto para todos os que não puderam sequer ser devidamente pranteados.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008.

BIENVENISTE, Emile. **O Vocabulário das Instituições Indo-européias**. V. 2: Poder, Direito, religião, trad. D. Bottmann, Campinas: UNICAMP, 1995.

CARUTH, Cathy. Introduction. In: CARUTH, Cathy (ed.) **Trauma- Explorations in Memory**. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1995. p. 151-157.

CHANDLER, David. **History of Cambodia**. Philadelphia: Westview Press, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne. M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

LAUB, Dori. Truth and Testimony: The Process and the Struggle. **Psychoanalysis, Culture and Trauma**. Vol. 48, No. 1, p. 75-91, Spring 1991.

MALDONADO, Gabriela; CARDOSO, Marta Rezende. O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. **Psicol. clin.** [online]. vol.21, n.1, p.45-57, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v21n1/v21n1a04.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2024.

POWER, Samantha, **Genocídio: A Retórica Americana em Questão**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RATNER, Vaddey. **À sombra da figueira**. Trad. Sandra Martha Dolinsky São Paulo: Geração Editorial, 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Ana Maria B.; SARMENTO-PANTOJA, Augusto. As estratégias da memória perante o trauma. **Literatura e Autoritarismo**, p. 62-69, nov. 2010. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie04/RevLitAut_art03.pdf. Acesso em: 08 jul. 2024.

SALGADO, Minoli. Shattered Selves and Border Witnessing: Globalising Trauma Studies in Cambodian Survivor Narratives. **Textual Practice**, 35 (2), pp. 171-190, 2021.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. **Literatura e Autoritarismo**, n.33, p.5-18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35461> Acesso em: 19 jul. 2024.



SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes. **Gragoatá**. Niterói, n. 24, p. 101-117, 1. sem. 2008a. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33162>. Acesso em: 08 jul. 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65 – 82, 2008b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf>. Acesso em: 08 jul. 2024.

VAN DER KOLK, Bessel; VAN DER HART, Onno. The Intrusive Past: The Flexibility of Memory and the Engraving of Trauma. *In*: CARUTH, Cathy (ed.). **Trauma-** Explorations in Memory. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1995. p. 158-182,

